

MELLO BARRETO: O BOTÂNICO POR TRÁS DOS JARDINS DA PAMPULHA

Os jardins da casa de Juscelino Kubistchek foram idealizados por Burle Marx, que contou com a grande contribuição do botânico Henrique Lahmeyer de Mello Barreto (1892-1962). Muito pouco se fala de um personagem tão importante para a história botânica e paisagística de Minas Gerais.

Mello Barreto foi um carioca que em sua juventude já se interessava pelos aspectos botânicos da natureza. Ainda jovem, veio para Minas Gerais realizar tratamento de saúde e encantou-se pela flora local. Exímio observador, logo se apaixonou pela gigantesca diversidade dos espécimes mineiros. Mudou-se para

Minas com a finalidade de administrar fazendas de familiares. Em 1926, foi convidado para ser diretor do Horto Florestal da cidade de Cataguases, onde permaneceu até 1931. Em 1927, Cataguases foi palco do Movimento Verde, vertente literária do movimento modernista e, provavelmente, Mello Barreto vivenciou esse momento da história artística brasileira (SANT'ANA, 2006). Em 1931, mudou-se para Belo Horizonte, quando foi convidado para ser diretor do então criado Jardim Botânico de Minas Gerais. Infelizmente, por questões políticas, a consolidação do Jardim Botânico não ocorreu. Mello Barreto foi transferido para uma simples seção da Estação Experimental de Minas Gerais, localizada onde hoje é o Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais. Mesmo assim, continuou seus trabalhos com intensidade, dando início à montagem de um herbário.

Autodidata, não se formou como botânico, mas recebeu o título por “notório saber” pelo então diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Adolpho Ducke. Falava, além do português, mais quatro línguas: o Inglês, o Latim, o Alemão e o Francês, no qual se gabava de ter grande fluência.

Tornou-se professor da cadeira de História Natural na Faculdade de Medicina de Minas Gerais e da de Sistemática no curso de Engenheiros Agrônomos. Foi membro da Sociedade de Biologia de Minas Gerais e do Conselho de Fiscalização de Expedições Artísticas e Científicas do Brasil.

Em 1940, ocorre o encontro entre Burle Marx e Mello Barreto. A troca de conhecimento entre os dois permite que os novos projetos paisagísticos passem a adotar um conceito mais integrativo da flora nativa com o seu ambiente. Assim, mais de 17 projetos foram planejados pelos dois parceiros, que acabaram

se tornando amigos para toda a vida. Juscelino Kubistchek contrata os dois para, juntos, executarem diversos projetos na Pampulha, entre eles, o da sua própria casa.

Para esse projeto, procuraram representar uma vegetação mais típica de regiões áridas e trouxeram um pouco da vegetação presente nas adjacências de Diamantina, cidade natal de Juscelino. Outros trabalhos também foram feitos em parceria, como em Cataguases, Ouro Preto, Pará de Minas e um dos mais famosos, o do Barreiro, em Araxá. Nesse último, vários jardins foram idealizados de modo que cada um pudesse representar um tipo de bioma presente em Minas Gerais.

Como Mello Barreto adquiriu tanto conhecimento sobre o estado? Através das diferentes excursões realizadas pelo interior. Vários herbários brasileiros apresentam registros de coletas de

diferentes localidades em Minas. Dessa maneira, ao visitar municípios em diferentes regiões, ele conseguiu obter um panorama vegetacional da flora mineira, identificando sua distribuição pelo estado. Vários naturalistas de outros países utilizaram do conhecimento de Mello Barreto para realizarem suas coletas em Minas. O botânico acabou criando uma extensa rede, em diversas instituições pelo mundo, permitindo uma troca de informações sobre materiais botânicos para várias finalidades. Estudou com afinco a região da Serra do Cipó, conhecendo de maneira peculiar não só a formação botânica, como também a interação fitogeográfica dessa localidade.

Henrique Lahmeyer de Mello Barreto, em 1946, é convidado para assumir o Zoológico do Rio de Janeiro, tornando o espaço referência internacional e recebendo diversos prêmios pela

excelente atuação. Morre em 1962, em pleno trabalho, de infarto fulminante, e, como relatam alguns jornais na época, morreu como desejava, trabalhando “no seu jardim”. (SILVA, 2018)